

Estudantes contestam qualidade pedagógica

CURSO DE ARQUITECTURA
GERA POLÉMICA NA «ÁRVORE»

Sobreposição de exames, ausência de professores aos exames previamente marcados, taxas elevadas de reprovações e de absentismo dos docentes são algumas das queixas que um grupo de alunos dos 2º e 3º anos do Curso Superior de Arquitectura da Cooperativa de Ensino Árvore denunciaram, reivindicando, simultaneamente, a intervenção imediata e directa do Ministério de modo a pôr cobro a determinadas situações que consideram «escandalosas» naquela Escola.

Os problemas, ao que este grupo de alunos afirma, arrastam-se já desde o início do ano lectivo e são comuns a todos os anos do Curso Superior de Arquitectura, conquanto incidam especificamente sobre duas cadeiras do curso.

Com efeito, é sobre as disciplinas de Arquitectura e História da Arquitectura e Urbanismo que os estudantes coincidem na denúncia de irregularidades e que passam pela «proibição» da frequência do 2º semestre lectivo quando o aluno não tem aproveitamento no primeiro semestre, até ao próprio teor dos exames, nomeadamente na disciplina de História da Arquitectura e Urbanismo em que são feitas perguntas em Inglês e Francês, havendo avaliação com peso específico para a tradução das respectivas perguntas. Admitindo embora que um teste de Arquitectura e Urbanismo tenha duas perguntas em língua estrangeira, não se pode aceitar, no entanto, que

a tradução tenha peso específico na avaliação quando há alunos que, por exemplo, durante a escolaridade anterior nunca aprenderam Francês, o que os impede, à partida, de fazerem o teste em igualdade de circunstâncias com colegas que dominam perfeitamente essa língua, até porque as perguntas não são iguais e são apresentadas em alternativa. Por outro lado, também nestas cadeiras que as taxas de reprovação são mais elevadas.

Só agora, porém, os estudantes entenderam trazer a sua denúncia a público, como numa explosão de situações que consideraram injustas e discriminatórias mas que se teriam acentuado nesta época de exames. É que a soma das situações de qualidade pedagógica em algumas disciplinas (nomeadamente em Arquitectura e Geometria) deperam agora, nesta época de exames, com sobreposição horária de provas, faltas de professores aos

exames, atrasos do início de provas ou ainda marcações de exames depois de previamente ter sido acordado com os alunos que só se realizariam em Setembro, tendo já alguns estudantes partido para férias.

«Qualidade pedagógica é superior»

Embora aceitando como razoáveis certo tipo de protestos dos alunos, o pintor Filipe Rocha, director pedagógico dos cursos da Cooperativa de Ensino Árvore, desmentiu a existência de sobreposição de exames do mesmo ano, justificando com «um sistema de massivamente pesado com seis avaliações anuais» os casos em que se verificou sobreposição de provas, mas de anos diferentes, atingindo portanto só os alunos que tinham cadeiras atrasadas. E se houve alguns casos em que isso aconteceu, aquele professor não deixou contudo de acentuar que o sistema de exames adoptado pela escola «é extremamente benevolente», oferecendo várias hipóteses de avaliação aos alunos, ficando apenas para exame final aqueles que, porventura, têm menor aproveitamento. Mas, quer a sobreposição de exames, quer ainda a alegada proibição da frequência do 2º semestre para os estudantes que não tenham obtido aproveitamento no primeiro foram

desmentidas por aquele professor que enquadrou a contestação dos estudantes em problemas de ordem estrutural.

Com efeito, para o professor Filipe Rocha há que admitir que uma escola criada apenas há seis anos enfrente crises próprias de crescimento e de instalação que, afirma, só se dissipam em qualquer estabelecimento de ensino ao fim de 10 anos. Para além disso, o curso de Arquitectura será aquele que, na sua especificidade, apresenta contornos de maior «agressividade sócio-profissional», a que se juntará ainda uma estratégia de maior exigência e rigor adoptada pelos órgãos directivos da escola durante este ano lectivo e que — afirma Filipe Rocha — não se compadece com «os alunos que vegetavam nesta escola ao abrigo de um sistema de escola particular ou cooperativa, só pelo facto de pagarem».

«A qualidade pedagógica foi, este ano, superior à que sempre tivemos. Temos a trabalhar conosco alguns dos arquitectos mais prestigiados do país e em relação a anos lectivos anteriores o balanço é extremamente positivo», afirmou-nos Filipe Rocha.

Programas serão revistos no próximo ano

Manifestando total confiança nos professores que são alvo de maior polémica, o

director pedagógico da Árvore reconheceu a existência de quatro casos de faltas de professores a exames, garantindo que serão dadas oportunidades de avaliação aos alunos. Reconheceu ainda algumas situações escandalosas de absentismo de docentes: «há um núcleo de professores que não será reconduzido no próximo ano», afirmou Filipe Rocha. Já no que respeita às provas de História da Arquitectura e Urbanismo, o director pedagógico explicou que o caso das perguntas em língua estrangeira tinha sido submetido ao Conselho Académico, que entendeu não ser inoportuno utilizar expressões em língua francesa ou inglesa em provas de avaliação. «É inquestionável que um aluno não emigrante superior não domine uma língua estrangeira», considerou. Mas, ainda assim, aquele professor não conseguiu encontrar razão para o facto da tradução ter peso específico na colação da prova.

Consideradas foram, entretanto, as reclamações apresentadas pelos estudantes sobre a cadeira de Geometria. Daí que, depois de analisadas, a escola tenha entendido alterar os programas: «os programas de Geometria e Construção serão revistos no próximo ano», anunciou Filipe Rocha, que adiantou estar previsto também para o próximo ano lectivo um novo esquema de exames.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Conflito. estudantes